

MISÉRIA, ÉTICA E A ONU



Jean Baptiste Debret, 1827ⁱ

O ser humano, miserável na própria existência.

Em um tempo em que se necessita de alguém,
para escrever regras e leis,
para defender direitos humanos, nossos direitos.
Nós perdemos o bom senso, perdemos o tato, o olfato, a audição...
Talvez, nunca os tivemos e temos medo de tê-los ou usá-los.
Não acreditamos em outro indivíduo, não confiamos nem respeitamos quem ou o
que esteja do nosso lado.
Todo mundo pode ser perigoso, nojento e asqueroso.

Eu nasci e a ONU já existia.
Esse papo de defender guerras e apaziguar conflitos,
de controlar os seres todos como um deus que dita comportamentos bons e sadios,
regras de convivência e boas maneiras, aulas de etiqueta, amar e ajudar um aos
outros é utopia e hipocrisia.
Os hippies já tinham esse discurso e movimento,
e não duraram mais que poucos anos no tempo.

As matanças continuam a existir, a intolerância também.
Se de um lado exageram na necessidade de controle,
do outro exageram na necessidade de tolerância.

A gente se apega às regras para não as seguir,

mas, com elas nos sentimos mais protegidos.
E para qualquer atitude tem cadeia e elas, as cadeias, estão cada vez mais cheias...

Com a necessidade das leis e regras,
a vida virou um jogo a ser seguido,
sem paz, sem sigilo,
nem nada de violência, nem de agressivo.
Tudo o que pode.
Tudo o que não pode.
Quem diz que o certo é certo? E o errado é errado?
É que muita gente quer dizer muita coisa,
muita gente pra pensar no todo,
muita gente pra querer comandar o povo todo,
pouca gente pra pensar em si mesmo.

Daniel Nunes

ⁱ Jean Baptiste DEBRET. Um Jantar Brasileiro. 1827.